

TÉO AZEVEDO:

cantador popular do Norte de Minas

É

muito comum as pessoas me chamarem de folclorista, pesquisador e outros adjetivos do gênero. Na verdade, não me considero nada disso. Para ser isso tudo, além do amor pela cultura,

é preciso ter formação acadêmica. Sou um cantador violeiro, nascido em Alto Belo, distrito de Bocaiúva, entre os vales dos rios São Francisco e Jequitinhonha, filho de Tiófo, ‘o cantador de um braço só’, possuindo apenas a escola da vida, sendo o meu aprendizado na cultura o fruto de minha própria vivência e criação, além de minha curiosidade de conhecimento e o fato de não ter vergonha de perguntar e aprender com quem sabe mais do que eu. Portanto, não sigo nenhum critério acadêmico, mas, com o amor pela cultura e dentro de meu conhecimento, procuro trilhar o caminho da simplicidade e da honestidade, fazendo a cultura de resistência do Brasil, terra da gente.

Essas são palavras de Teófilo Azevedo Filho, ou Téo Azevedo, violeiro, pesquisador de cultura popular, autor de cordéis, produtor musical, compositor e cantor, nascido em Alto Belo, distrito de Bocaiúva, Norte de Minas, no ano de 1943.

Há 53 anos, Téo está na trincheira, em defesa da cultura popular. Trabalha desde muito cedo, sempre misturando arte e trabalho. Aos 9 anos, já engraxava sapatos e recitava versos de improviso para atrair clientes em Montes Claros. Fazendo isso com sucesso, atraiu a atenção de muitas pessoas, entre elas um camelô pernambucano, chamado Antônio Salvino, seu “descobridor”, que o levou a várias feiras pelo Nordeste, onde se apresentavam juntos. A função de Téo era se apresentar com uma jibóia enrolada no pescoço, cantando calango de improviso, em quadras, também para atrair a clientela para o parceiro.

Aos 14 anos, já sozinho, chega a Belo Horizonte, onde canta repentes e vende cordéis de sua autoria nas feiras livres da cidade. “Confundido” com vadio, foi preso várias vezes. Dormiu na rua, foi pintor de pára-choques de caminhão, lutador de boxe e soldado do Exército, onde deu baixa como corneteiro, mas sempre cantando e recitando seus versos por onde quer que passasse. Fez sua primeira gravação, em acetato, no antigo Estúdio Discobel, ainda

em BH. Foram tirados 30 exemplares do disco que continha a música “Deus te salve casa santa (Cálix Bento)”. Cinco foram entregues às rádios AM da cidade, e os restantes vendidos. Téo chegou a gravar 300 músicas nesse processo independente, muito difundido na época, e facilitava a aparição de novos artistas, que não tinham espaço nas gravadoras transnacionais.

Prosseguindo sua carreira, já sobrevivendo — de forma precária — exclusivamente do que produzia artisticamente, em 1968 foi escolhido o melhor compositor mineiro do ano pelo colunista Gérson Evangelista, do jornal O Debate. Depois, mesmo passando por mil dificuldades, conseguiu lançar seu primeiro LP, Brasil Terra da Gente, em 1969. A partir daí, não parou de compor, de criar.

Produção independente e diversificada

Segundo o jornalista e pesquisador de cultura popular Assis Ângelo, Téo Azevedo é o compositor vivo (ou em atividade) que tem mais músicas gravadas no Brasil: o número ultrapassa as 1.500 canções. Entre seus intérpretes figuram artistas de renome como Luiz Gonzaga, Sérgio Reis, Cremilda, Tião Carreiro, Zé Ramalho, Tonico e Tinoco,

Leo



Cascatinha e Inhana, Zé Coco do Riachão, Caju e Castanha, Milionário e José Rico, Banda de Pifanos de Caruaru, Christian e Ralf e muitos outros. Algumas músicas suas foram gravadas também por intérpretes estrangeiros.

Téo tem também grande experiência como produtor musical, tendo produzido mais de 3 mil discos. Uma de suas maiores descobertas foi o solista de viola e rabeca, além de construtor de instrumentos de corda, Zé Coco do Riachão. Téo conta, em um cordel de sua autoria, que conheceu Zé Coco em 1979, quando precisou consertar duas violas. Desde então, se impressionou com o velho que, já em idade avançada, não tinha feito nenhuma gravação. A partir daí, passou a acompanhá-lo, tornando-o conhecido do público. Mais tarde, Zé Coco do Riachão foi considerado o melhor instrumentista de cordas do Brasil, por ocasião do lançamento de dois de seus LP's, em 1980 e 81. Segundo Téo, “Zé Coco do Riachão foi o maior músico da história do Brasil, ao lado de Luiz Gonzaga”.

Téo também é autor de centenas de histórias de cordel, alguns deles estudados até no exterior, sendo, ainda, o responsável musical de um projeto da rádio Cultura FM de São Paulo, onde trechos da obra “Grande sertão: veredas”, do escritor Guimarães Rosa, foram cantados e interpretados pelos atores Lima Duarte e Sadi Cabral, além do próprio Téo Azevedo.

Em 1978, foi a Portugal cantar e fazer palestras sobre a cultura popular brasileira.

O trabalho no Norte de Minas

Téo Azevedo é um dos idealizadores e fundadores da Associação dos Repentistas e Poetas Populares do Norte de Minas, entidade da qual foi presidente, e para a qual doou todos os direitos autorais das obras de domínio público, recolhidas e adaptadas por ele. Em seu incansável trabalho de pesquisa e elaboração artística, Téo gravou e divulgou vários ritmos da cultura do Norte de Minas, entre eles o calango, o coco de viola, o lundu, o guaiano, a chula campeira, repente, toa-

da de Alto Belo, etc, além de idealizar várias produções televisivas locadas da região. Um dos veículos utilizados por Téo para divulgar seu trabalho foi o rádio. Ele apresentou programas durante 12 anos, sendo três pela Rádio Record e nove pela Rádio Atual de São Paulo, onde, aos domingos, fazia uma apresentação ao vivo, em auditório, com repentistas, violeiros, cantadores, emboladores e outros artistas populares, descobrindo novos músicos e incentivando as criações espontâneas das pessoas simples.

Em 1998, criou seu próprio selo fonográfico, o Pequizeiro, que, em dois anos de atividade, acumulou cerca de 160 títulos, de vários autores, fechando as portas por não conseguir furar o monopólio das gravadoras estrangeiras. Em 2002, lançou o CD Téo Azevedo, 50 anos de Cultura Popular, Cantos do Brasil Puro, pela gravadora Kuarup, que há quase 30 anos grava músicas de um elenco de artistas nacionais e populares de primeira linha.

Influenciando novas gerações

O sobrinho de Téo, Rodrigo Azevedo, também bebeu da mesma fonte e está despontando como grande solista de viola caipira. Fonte esta, aliás, que parece perene, pois, segundo o próprio Téo, Rodrigo faz parte da oitava geração da família que se dedica à música. O pai de Téo era conhecido como “Tiófo, o cantador de um braço só”, e era famoso em todo o sertão mineiro.

Com inúmeras músicas utilizadas por outros artistas, muitos deles surgindo atualmente, Téo diz nunca ter processado alguém que tivesse se aproveitado de seus trabalhos, mesmo sem autorização. “Existe meia dúzia de (compositores) endeusados pela crítica que só cedem as músicas para os medalhões. Se um artista menos conhecido grava suas músicas, eles logo abrem processo e esfolam as pessoas.” É contra a pirataria, mas acha o CD muito caro. “Um CD deveria custar, no máximo, cinco reais”, diz, com a autoridade de quem produz e

sabe quanto custa um Compact Disc.

Téo é pai, mãe, avô e avó da Folia de Reis de Alto Belo, promovida pela Associação Folclórica de São José de Alto Belo, onde se pode provar da culinária regional do Norte de Minas, ouvir os repentistas e os cantadores e violeiros, assim como os cordelistas. Téo considera a festa um sucesso, principalmente porque é relativamente pouco divulgada. “Mesmo sem muita propaganda, vem gente do mundo inteiro e pesquisadores de várias universidades, inclusive da França”, diz Téo.

Com toda sua história, Téo Azevedo é um defensor intransigente da cultura popular e do Brasil. Segundo ele, faltam iniciativas para defender o país: “Até na porrada, se for preciso!”

Músicas e lutas sociais

A situação dos trabalhadores do campo e da cidade também preocupa Téo Azevedo. No Norte de Minas tem combatido, com sua poesia, a exploração do cerrado pelos latifundiários e as carvoarias, que estão acabando com o pequi, um dos alimentos característicos da culinária e da medicina natural, além de outras mazelas sociais que assolam a região.

Neste trecho da música Justiça Social, de sua autoria em parceria com Valente, nota-se que Téo não é um artista ocupado simplesmente com música.

...O operário que trabalha sem descanso
pelo salário que recebe todo mês
vive implorando para não ser dispensado
e às vezes paga por aquilo que não fez
A sua casa é distante no subúrbio
Às vezes pega mais de uma condução
Na humildade de quem vive oprimido
Ele é quem faz o progresso da nação
O camponês não tem terra para plantar
Vem pra cidade, se transforma em bóia fria
No meu sertão, hoje tudo está mudado
O sertanejo já não tem mais alegria
Lavar a terra, semear depois colher
Então vender por um preço aviltante
O lavrador já não tem como viver
Porque o lucro é do grande comerciante...



Téo Azevedo e Zé Côco do Riachão